

Identificação do Objeto



Número: 84.033
Coleção: Museu do Zebu
Categoria do Acervo: Arte Sacra
Classificação: Escultura
Título: Imagem de São Sebastião
Data e Modo de Aquisição: 20.03.84 / doação
Código do Doador: 004
Data atribuída: 1ª metade do século XX
Material e Técnica: gesso, tinta; moldagem, pintura;
Origem: Franca - SP
Conservação: Bom
Dimensões: 29 x 8,1 x 8,2 Cm.

Descrição e Dados Históricos do Objeto:

Imagem sacra de São Sebastião, provavelmente adquirida na primeira metade do século XX, na cidade de Franca - SP. Estátua talhada e esculpida em gesso, apresentando pintura do tipo artesanal em tinta de látex resistente, coberto a óleo para o acabamento. O braço esquerdo esculpido à altura da cabeça, apoiado em tronco de cor marro (simulando a madeira) que fica acoplado na parte anterior. Possui faixa preta no punho, presa ao tronco, levemente pintado em cor vermelha, simulando as chagas características do santo em pose de martírio. O corpo é todo coberto de chagas simulando feridas causadas por objeto pontiagudo (flechas). Pano talhado na altura da cintura até os joelhos, tingindo em vermelho, cobrindo as partes íntimas. Cabelos encaracolados talhados à altura do ombro. O braço direito posicionado na parte das costas, também preso ao tronco. A base de apoio dos pés é de cor preta, apresentando leve desgaste. Possui altura de 29 cm, largura de 8,1 cm de diâmetro, com 8,2 cm de altura. São Sebastião teria nascido na França e vivido na Itália durante o século III (256 – 286). Tornou-se mártir e santo cristão depois de ter sido perseguido e morto durante o governo do Imperador romano Diocleciano. Teria se alistado como soldado do Império, chegando a ser chefe da guarda pretoriana, onde, com o tempo, trabalhou a intenção de propagar o cristianismo na oportunidade. Antes admirado por seus superiores, foi condenado à morte devido, entre outros fatores, à conduta branda com que tratava os prisioneiros e os cristãos perseguidos nesse período. Seu corpo foi jogado nos esgotos segundo as ordens do próprio imperador, para que não fosse venerado posteriormente pelos cristãos. Resgatado pouco tempo depois, seus restos mortais foram colocados em uma catacumba. Quase quatro séculos depois, o Imperador Constantino, legalizador do cristianismo nos tempos em que Roma

declinava, ordenou a construção de uma basílica para abrigar novamente os restos mortais do santo, onde se encontram até hoje. A execução sumária por meio de flechas tornou-se símbolo constante nas iconografias atribuídas a ele. Tal método fez dele tema recorrente na arte medieval e um dos grandes mártires que surgiram entre o cristianismo primitivo. O culto a este santo nasceu no século IV, atingindo o auge na Baixa Idade Média, mais precisamente entre os séculos XIV e XV, tanto na Igreja Católica como na Igreja Ortodoxa. Embora a sua relevância histórica possa provocar ceticismo entre alguns estudiosos atuais, certos detalhes são consistentes com atitudes de mártires cristãos que foram seus contemporâneos. A devoção a São Sebastião chegou ao Brasil com os portugueses desde os primórdios da colonização, tornando-se popular durante a fase de formação e desenvolvimento cultural e político da região. Ele é o padroeiro do município do Rio de Janeiro, dando seu nome à cidade, desde sua fundação, por Estácio de Sá em 1º de março de 1565. Segundo alguns historiadores, a cerâmica que permitiu o surgimento desse tipo de escultura peculiar tornou-se mais comum no Brasil a partir do século XVII, quando a atividade extrativista praticada pelos portugueses foi cedendo lugar à ocupação e expansão das terras. Os primeiros engenhos imprimiam em algumas regiões o aumento do ritmo das atividades comerciais e das viagens comerciais, tornando possível o desenvolvimento das vilas e das festividades tradicionais e religiosas, com o predomínio do catolicismo. A produção foi acompanhada de influências da cultura indígena, africana e europeia, adquirindo contornos peculiares no Brasil entre os séculos XVII e XIX. A relevância dessa peça para o Museu está em seu caráter cultural, seja a ligação que mantém com as tradições religiosas que perduram desde o início da colonização no Brasil aos dias atuais, seja no estilo ligado aos aspectos que compunham o cenário cotidiano tradicional da vida rural e urbana das sociedades. Era bastante comum, até o início do século XX, quando predominava o auge da Política caracterizada pela chamada Política do Café-com-leite na República Velha (1889 – 1930), que as famílias latifundiárias mantivessem oratórios, ou maneiras de promoção de cultos religiosos, dos tipos domésticos em suas casas e fazendas para abrigar e enaltecer o santo de devoção. O objeto atesta também a predominância do catolicismo nos meios como uma tradição que se tornou cada vez mais popular no Brasil nesse período. Entre os pecuaristas, incluindo aqueles ligados ao zebu, era comum a predominância desse tipo de culto religioso entre eles. O item foi doado ao Museu do Zebu em 20 de março de 1984 por Demilton Dib, arquiteto, engenheiro e decorador, ex-conselheiro dessa instituição.